

THEY WERE EXPENDABLE / 1945

(*Homens para Queimar*)

um filme de John Ford

Realização: John Ford / **Argumento:** Frank W. Wead, baseado num livro de William L. White / **Fotografia:** Joseph H. August / **Música:** Herbert Stothart / **Montagem:** Frank E. Hull, Douglas Biggs / **Direção Artística:** Cedric Gibbons, Malcom F. Brown / **Cenários:** Edwin B. Willis, Ralph S. Hurst / **Assistente de Realização:** Edward O'Fearn / **Segunda Equipa de Realização:** James C. Hovans (planos de transparência rodados por Robert Montgomery) / **Interpretação:** Robert Montgomery (Tenente John Brickley), John Wayne (Tenente Rusty Ryan), Donna Reed (Tenente Sandy Davis), Jack Holt (General Martin), Ward Bond (Boots Mulcahey), Louis Jean Heydt (Ohio), Marshall Thompson (Snake Gardner), Russell Simpson (Dad), Leon Ames (Major Merton), Paul Langton (Andy Andrews), Arthur Walsh (Jones), Donald Curtis (Shorty Long), Cameron Mitchell (George Cross), Jeff York (Tony Aiken), Murray Alper (Slug Mahan), Harry Tenbrook (Larsen, o cozinheiro), Jack Pennick (Doc Charlie), Charles Trowbridge (Almirante Blackwell), Robert Barret (General MacArthur), Bruce Kellogg (Tomkins), Tim Murdock (Brown), Wernon Steele (Médico), Trina Lowe (namorada de Gardner), Alex Havier (Benny), Eva March (enfermeira), Pedro de Cordoba (padre), Pacita Tod-Tod (cantora do clube), William B. Davidson (dono do hotel), Bill Wilkerson (Sargento Smith), John Carlyre (Tenente James).

Produção: M.G.M. / **Produtor:** John Ford e Cliff Reid / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 135 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 20 de Dezembro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Odeón e Palácio, 23 de Abril de 1947 / **Reposição Comercial:** 1982.

John Ford ainda estava *on duty* quando lhe propuseram a realização de **They Were Expendable**, em fins de 1944. Se, nessa altura, a vitória aliada na Europa se desenhava claramente (com a libertação da França e o avanço das tropas soviéticas na Polónia) a situação no Pacífico, na guerra contra os japoneses, ainda parecia estar para lavar e durar. E, como nota Andrew Sinclair, a opinião pública americana compreendia mal porque é que eram precisos tanto tempo e tantas vidas para reconquistar o que o Japão tinha ocupado em poucos meses.

They Were Expendable, que Ford escreveu em colaboração com Frank W. Wead (a quem havia de dedicar mais tarde o assombroso **Wings of Eagles**) destinava-se a explicar aos americanos como isso era possível. E, para Ford e Wead, como no documentário de 1942 **December 7th**, era mais uma ocasião de ajustar contas da marinha com os outros ramos das forças armadas americanas (repare-se na ironia inicial do general sobre "*something more substantial*" ou no diálogo entre Wayne e um oficial do exército, no hospital, quando o último lhe pergunta se a marinha ainda está no Central Park).

Só que o filme apenas ficou concluído no Verão de 45, mais ou menos quando o Japão se rendeu e a guerra acabou. E daí que o início e o final tenham sido modificados num sentido bastante diverso ao que Ford queria. Na intenção do realizador, o filme devia iniciar-se com um dos oficiais

a dizer: "*We little guys, the ones who are expendable - never get to see the broad pictures of the war, never find out the reasons back of the moves or failures to move*". Em vez disso, ficou a legenda inicial de MacArthur que recorda que a guerra já acabou e acabou com uma grande vitória. E, em vez de acabar com a amarga despedida de Brickley aos seus homens ("*All we done in this war is say goodbye*") recordando-lhes que estavam ali para ser *expendable*, termina com a famosa frase de MacArthur "*We Shall Return*". Muita da amargura que Ford queria no filme, foi-se, mas a sua moral (e a da história destas supressões) mantém-se nas palavras do Almirante a Robert Montgomery no início: "*Listen, son. You and I are professionals. If the manager says sacrifice... our job is to lay down that sacrifice. That's what we were trained for, and that's what we'll do*". Neste caso, o *manager* também ordenou o sacrifício, e, nesse tema entre todos caro a Ford, ele também sabia que o seu *job* era *to lay down*. Desse *lay down* resultou, porventura, o mais admirável filme de guerra jamais feito.

They Were Expendable é também um filme à glória dum personagem real: o Capitão de Mar e Guerra John Brickley, um dos mais lendários heróis americanos e o homem mais condecorado durante a guerra. Ford foi grande amigo de Brickley e colaborou de perto com ele durante a guerra (uma fotografia dedicada do herói teve sempre lugar de honra em sua casa). E, como mais tarde em **Wings of Eagles**, o filme é uma comovida homenagem a um amigo, que morrera pouco antes em combate.

Mas se Brickley é o herói do filme, visto com a limpidez e a verticalidade que são características do olhar de Ford, não deixa de ser verdade que a personagem com maior densidade humana, que mais ficará na memória do espectador, não é ele, mas o Tenente Rusty Ryan, interpretado pelo actor favorito de Ford, o grande John Wayne. Daí que alguns comentadores tenham acentuado, baseados noutras descrições do realizador em que este narrou vários episódios ocorridos entre ele e Brickley, que Wayne seria, em **They Were Expendable**, um pouco o retrato do próprio Ford. E disse-se que o seria ainda mais se Ford tivesse acompanhado o filme até ao fim, pois se disse que este não fora terminado pelo autor (que adoeceu antes do termo das filmagens) e que a responsabilidade final caberia ao intérprete do papel de Brickley, o actor Robert Montgomery que algumas fichas técnicas dão como co-realizador do filme e alguns afirmam ter dirigido mais de 50% das sequências.

Se Ford negou este último facto (e efectivamente está hoje estabelecido que Montgomery dirigiu alguns planos de "transparências" e nenhuma sequência com actores), se a explicação por "identificação" parece pouco rebuscada para um cineasta tão directo quanto Ford é, não deixa de haver uma curiosa "assimetria" em **They Were Expendable** que, ao nível dos intérpretes, resulta da pouco funcional aproximação Montgomery - Wayne. Montgomery é um pouco espectador de Wayne e, em termos de *mise-en-scène* jamais resulta unívoco que o filme seja, como Ford o pretendeu, uma obra à glória do personagem interpretado pelo primeiro daqueles actores (repare-se, por exemplo, na sequência em que Wayne, desesperado, desata aos pontapés às caixas. Montgomery, irritado, pergunta-lhe: "*Isso ajuda?*". "*Sim*" é a resposta de Wayne. Montgomery então imita-o). A presença de Montgomery, o que se deve mais ao contraste com Wayne e ao modo como é filmado do que a deficiências do actor, é sempre demasiado neutra ou fria para o estilo do realizador. Digamos que, da galeria fordiana, é uma das menos fordianas personagens.

They Were Expendable, de resto, não é um filme biográfico. Ford nunca esteve nas Filipinas ("*Foi talvez a única parte do Pacífico que não visitei*") e não participou nos feitos narrados no filme, a maior derrota dos americanos durante a guerra, quando o General McArthur ordenou a retirada, com a célebre frase, citada no filme: "*We shall return*". Disse mesmo o realizador que, por acaso, nas batalhas em que participara "*sempre ganhámos*", o que o não impediu de afirmar que gostava muito deste filme sobre uma derrota: "*Não gosto nada desses happy ending com um beijo no fim, nunca teria feito isso. They were gloriosos' na derrota das Filipinas e aguentaram-se combatendo*". Este é, portanto, um filme sobre os outros (eles), sobre os que se "*aguentaram combatendo*".

Admiravelmente filmado, com a construção e a segurança típicas do melhor Ford, **They Were Expendable** é um clássico do filme de guerra, como clássicas são as famosas sequências das batalhas navais que se contam entre o que de melhor, no género, o cinema americano nos deu. É também um filme sobre os grandes espaços em que os homens são enquadrados entre o céu e o mar e em que, mesmo nas acções mais violentas, se "respira" (é o termo) essa suprema harmonia homem-natureza que é timbre da obra do realizador.

Mas se, mesmo na acção, a marca do cineasta é inconfundível com sequências "fordianíssimas" (como a do hino cantado no início, quando do ataque a Pearl Harbour, com a lenta panorâmica; como a do diálogo Montgomery-Wayne em Bataan com os vários *Sir*; como a dos mergulhos na praia; como a da igreja; ou, exemplo supremo, como a sequência em que o velho, agarrado ao garrafão, se recusa a abandonar o solo em que viveu, sequência em que perpassa a morte do avô de **The Grapes of Wrath**) o melhor de **They Were Expendable** talvez seja a inserção, nesta história de homens, do episódio feminino em torno de Donna Reed.

A personagem intervém num daqueles momentos de pausa de que Ford tem o segredo, na sequência do hospital, quando se estabelece a relação homem-mulher tão típica da obra de Ford (Reed tirando as calças ao herói, perante os risos de outro soldado e o seco comentário "*watch your language!*"). Inevitavelmente segue-se a capitulação de Wayne nas assombrosas sequências do baile e do jantar. Utilizando uma prodigiosa iluminação (de novo a luz das velas, como em **The Grapes of Wrath** ou em **How Green Was My Valley**) e graças ao inadjectivável trabalho do operador Joseph August (de que este foi o último filme e o termo da sua histórica colaboração com o autor de **My Darling Clementine**) Ford vai dando a subtil passagem à relação que ilumina os dois personagens. Repare-se sobretudo no modo como vai evoluindo a acção no jantar oferecido a Donna Reed (sozinha entre homens) com a surpresa da canção vinda de baixo do chão e o plano fabuloso da "*dear old girl*".

Relação que vive do efémero e do tempo dele, até ao telefonema de Wayne ("*a real goodbye*") com o corte abrupto da chamada impedindo qualquer outra comunicação.

Só que a partir daí - milagre da claridade fordiana - Wayne nunca mais coloca o chapéu do mesmo modo e sem qualquer outra referência ao que foi apenas um episódio, toda a situação face à guerra e aos homens muda de tom. Como os torpedos, cujo percurso, entre o início e o fim, é invisível, essa história "submarina" é o traço oculto que confere unidade ao visível e ao invisível, ao antes e ao depois, ao *behaviourismo* típico dos filmes do género e ao humanismo da obra de Ford. É ela que explica a fabulosa oração fúnebre de Wayne, ao som da gaita de beijos.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico